

Euclides Rodrigues da Cunha

Oficial do Exército Nacional — (Especial para
"Tapejara" —

Gabriel Mena Barreto

No estudo da personalidade maravilhosa de Euclides da Cunha localiza-se, de preferencia, o cientista, o geólogo, o fisiógrafo, o estilista inconfindível de "Os Sertões", relegadas a segunda plana outras faces da sua vida intelectual.

Quando lemos a biografia euclidiana, os três gigantes capitulos iniciais absorvem de tal forma as energias do espirito que, ao chegarmos as etapas propriamente historicas, às jornadas expeditionarias e às ultimas fases da luta cruenta e heroica de Canudos, somos como que colmidos de surpresa ante a revelação do escritor militar, magistrico na critica inexoravel aos officiaes que irascaram no cumprimento do dever e luminoso ao traçar o perfil dos heróis que souberam arrostar com honra as duras provas daquela tragedia nacional.

Nos perfis de Moreira Cesar ou de Carlos Teles, não se sabe o que mais admirar: se o psicólogo, na análise percuciente e irresponsível dos dois desconhecidos chefes militares, se o biógrafo, nos arroubos de um entusiasmo sadio e vigoroso. E se Carlos Teles outro titulo não tivesse para aureolar-lhe o nome, bastar-lhe-ia o que escreveu Euclides, para quem era o bravo coronel, depois general, "a mais inteira organização militar do nosso exercito nos últimos tempos". E mais adiante esclarece:

"A campanha federalista do sul dera-lhe invejável aureola. A sua figura de campeão — porte dominador e alto, envergadura titânica, olhar desassombrado e leal — culminara-lhe o episodio mais heroico, o cerco de Bagé.

"A campanha de Canudos ia ampliar-lhe o renome.

"Compreendeu-a como poucos. Tinha a intuição guerreira dos gaúchos."

"O Retrato de Moreira Cesar" é uma página esplêndida de psicologia militar. "Surpreendiam-se igualmente ao vê-lo — diz Euclides — admiradores e adversários. O aspecto reduzia-lhe a fama. De figura diminuta — um torax desfibrado sobre pernas arcadas em parentesis — era organicamente inapto para a carreira que abraçara. Faltava-lhe esse aprumo e compleição inteira que no soldado são a base física da coragem." Algumas linhas depois justifica: "Nada, absolutamente, traía a energia surpreendedora e temibilidade rara de que dera provas, naquele rosto de convalescente sem uma linha original e firme: pálido, alongado pela calva em que se expandia a

fronte bombeada, e mal alumado por olhar mortico, velado de tristeza permanente."

Euclides da Cunha deixara a carreira militar, havia poucos anos, no posto de capitão, quando escreveu o seu grande e laureado livro. Assentara praça na Escola Militar da Praia Vermelha aos vinte anos de idade, no dia 20 de Fevereiro de 1886. Mas, em dezembro de 1888, fora excluído das fileiras em virtude do rumoroso incidente em que atirou aos pés do ministro da guerra, Conde de Tomaz Coelho, em sinal de protesto, o sapato de cadete republicano... Um ano após retornaria ao Exército, praticamente anistiado pelo evento de 15 de Novembro, sendo declarado afora-unos seis dias depois da proclamação do novo regime. Promovido a segundo tenente a 14 de Abril de 1890 e a primeiro tenente a 7 de Abril de 1892, passa a coadjuvante do ensino na Escola Militar, a mesma Escola que lhe proporcionara aquela admirável cultura científica que é o apanágio de sua obra excelsa e imortal. Mas aos trinta anos de idade, já capitão de Estado Maior de 1ª Classe, engenheiro militar e civil, abandona, definitivamente, a carreira das armas. Corria o ano de 1896, quando Euclides Rodrigues da Cunha, ainda jovem oficial do Exército, decidiu trocar a espada pela pena que haveria de torná-lo um dos nomes tutelares da literatura nacional. Embora suprimindo um dos apelidos com que ingressara nas fileiras do Exército, não logrou libertar-se do seu passado militar. Quis o destino que a matéria de seu livro prodigioso fôsse haurida em pleno sertão do norte numa campanha cruelíssima em que se empenharam os seus antigos companheiros de armas.